

Prefácio

Um povo. Ou dois. Um caminho. Ou mais.

Keep it simple

Keb' Mo'

Duas situações dramáticas percorreram a Arqueologia portuguesa do século XX e sobram para o seguinte.

A primeira consiste no pensamento por reacção (e não por acção). É um fenómeno aliás comum em toda a sociedade portuguesa, salvo em alguns sectores do meio empresarial, ainda mais comum até mesmo (ou sobretudo) nas Universidades, onde a definição por outrém de um conceito, ou a adopção de um modelo explicativo, é sempre recebida ou com o ruído dos prados irlandeses ou com a paz de Beirute.

A segunda consiste no conceito nacionalista de que tudo nasceu aqui e a colonização não existe, interessante perspectiva que une algum marxismo a franjas do pós-modernismo nacional, ainda que os motivos do primeiro pareçam bem mais claros que os delírios do segundo. E também uma certa má consciência «de esquerda», um remorso colonial, por termos ocupado terras espalhadas por todo o mundo (fenómeno que normalmente não envergonharia ninguém, particularmente se tivermos em conta o colonialismo espanhol ou inglês...). Nesta última perspectiva, se levada ao extremo (e pouco faltou), teríamos sido nós, portugueses valentes, a inventar as cidades ou o latim, já para não falar dos assim chamados fenícios, que não seriam mais que os antepassados lusitanos do Sr. Oliveira da Figueira.

Perante isto, os dados. À partida e a uma chegada provisória.

Em 1992, ao rever as antas de Reguengos de Monsaraz, defendi o caminho terrestre que, no terceiro milénio, mais do que o marítimo, ligava a Andaluzia às penínsulas de Lisboa e de Setúbal. E seguindo nada mais que factos: as placas de xisto de Huelva e Chelas, com caminhos traçados por Mértola, Mourão, Évora, Montemor...mostrando uma intensa circulação de produtos e ideias. Entre os primeiros, a arqueometalurgia do cobre e a filosofia defensiva das «quintas fortificadas» e dos povoados calcolíticos equipados com sofisticados dispositivos defensivos. Cujo percurso é evidentemente terrestre, da Andaluzia para o Alentejo, primeiro, e daí para a Península de Lisboa. Entre as segundas, a absorção, pela antiga Deusa «megalítica» do Alentejo médio, dos símbolos da Deusa dos Olhos de Sol, a Deusa dos arqueometalurgistas.

Manuel Calado, identificando dezenas de povoados neolíticos no Alentejo, as descobertas verificadas junto ao Guadiana, com especial relevo para Xarez 12 e a Baixa do Xarez, e Mariana Diniz, ao escavar a Valada do Mato, vieram sacudir as águas e acrescentar o que se não esperava para tão cedo: o fim dos mitos creacionistas (e dos mitos das colonizações directas, também). Para alguém tão próximo do pós-processualismo como Mariana Diniz, há alguma ironia em tudo isto, ao contribuir decisivamente, pelo registo e leitura dos factos, para a revisão de ideias pré-feitas, talhadas à medida das congeminações de gabinete, mas nunca até então confirmadas pela, aliás inexistente ou quase, realidade de campo. E também para reacender a velha questão dos caminhos, agora para o Neolítico antigo. Ainda que, aliás, talvez com mais discrição do que seria necessário...

O Neolítico antigo do Alentejo não era, porém, desconhecido: a gruta do Escoural, para além das pinturas paleolíticas e de uma necrópole de fins do quarto milénio e primeiros séculos do terceiro, tinha revelado cerâmica cardial «clássica», que muito provavelmente integra-

ria deposições funerárias de essa época. Só que por aí ficámos. O peso das imagens pintadas ou das gravuras afastou, durante muito tempo, os outros olhares. E, reanalisada a sequência de uso da gruta, os escassos componentes atribuíveis às mais antigas sociedades camponesas ficaram no limbo discreto onde se acolhem as ideias que não chegaram a ser.

Assim, a Valada do Mato.

Em condições de trabalho incríveis num país civilizado, por reduzido que foi o investimento, com limitações à indispensável extensão das sondagens, com escasso apoio de produção, temos finalmente uma extensa monografia sobre um sítio do Neolítico antigo. Esperam-se, é certo, as monografias de Vale Pincel 1 e de Xarez 12 (com Xarez 4, Fonte dos Sapateiros e Carraça 1 incluídas), mas são, apesar de tudo, situações distintas. Conhecedora delas, tendo visitado Vale Pincel e observado o espólio da Baixa do Xarez, Mariana Diniz avançou sozinha. E só quem alguma vez o fez percebe o que isso implica, quase em início de carreira, no fim da primeira fase do percurso académico.

«O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal»... Que título! Ou, mais que um título, um verdadeiro programa. Raro e modelar exemplo de contenção.

A «...neolitização no Interior/Sul de Portugal» o que sabemos dela? Na verdade, antes de este livro, quase nada (ainda que, depois, apenas um pouco mais). Para alguém como Mariana Diniz, que escreve com entusiasmo (e, às vezes, com excesso) este título é também um bom indicador: apenas *aspectos*, a que, tarde ou cedo, se somarão *outras* leituras de *outros* aspectos, a caminho de uma ainda distante primeira imagem global. Os títulos são importantes, rótulos indicadores de intenções, referências e perspectivas. Ou não. Cascas vazias, dissociadas de conteúdos medíocres. Virada a página, pode o leitor estar tranquilo: o que vem a seguir corresponde à declaração de intenções...

Dez títulos estruturam, neste livro, núcleos de interesse e, sobretudo, amplitude, diversificado:

No primeiro (Aspectos da neolitização. Questões prévias), a autora fala-nos das modalidades de expansão dos sistemas neolíticos, discutindo conceitos e especificando os procedimentos metodológicos e o percurso de investigação.

No segundo (Enquadramento fisiográfico), o sítio é colocado na sua envolvente.

No terceiro (As intervenções no terreno), faz-se a história dos trabalhos.

No quarto é feita a caracterização química de sedimentos e apresentada uma leitura sintética dos resultados.

No quinto (A cultura material), destaca-se uma extensa e muito bem fundamentada análise da pedra lascada, alguns comentários sobre a pedra polida, afeiçãoada e com traços de utilização, os objectos de adorno. Talvez a parte menos conseguida do trabalho seja a do estudo da cerâmica, ficando a sensação que se poderia ter ido muito mais longe, sobretudo se tivermos em conta as excepcionais cerâmicas decoradas exumadas na Valada do Mato. Talvez seja ponto a que a autora deva voltar com mais folga

O sexto (Restos faunísticos) recolhe dados sobre a escassa fauna identificada.

O sétimo (Datações absolutas) era há muito esperado, mas está longe de ser um ponto polémico, de tal forma se precisam as datações graças a Vale Pincel e S. Pedro de Canaferrim. Mais uma vez, aparentemente, realidades diferentes, mas não tanto como isso.

Com o ponto 8 (O sítio da Valada do Mato no quadro das ocupações do Neolítico antigo no Ocidente peninsular) poderíamos dizer que começa a festa (que se prolonga para o 9, Aspectos da neolitização do ocidente peninsular: modelos em debate).

Com efeito, passado o exercício descritivo, e já, de algum modo, interpretativo, discutir questões como «o substrato indígena», «uma população miscigenada?», a «tipologia funcio-

nal da ocupação» e, finalmente, sair do específico para o genérico, da realidade «acampamento ou aldeia» para a «realidade mundo», e reencontrar a diversidade (na *neolitização por fusão diferencial* – um conceito que nos recorda o perigo nuclear...) representa um salto no actual contexto dos conhecimentos. Arriscado, mas talvez indispensável.

Em boa verdade, o livro poderia ter acabado antes, mas só para quem não conhece Mariana Diniz.

Poderíamos agora avançar por distintas direcções, mas muitas delas pertencem ao mundo específico das recensões bibliográficas e não dos prefácios ou apresentações de obra. Por isso, escolhi apenas ilustrar algumas das auto-estradas disponíveis, através de três citações (entre outras, possíveis):

«A presença, no interior alentejano, na transição do VI para o V milénios cal BC, de populações miscigenadas, estabelecidas em povoados permanentes, praticando uma economia mista, como foi detectado na Valada do Mato, constitui um reflexo da complexidade dos processos de neolitização que afectaram o Mediterrâneo ocidental e o extremo Sul da Europa atlântica » (p. 181)

E ainda:

«Porque a realidade empírica não parece eficazmente justificada a partir de um modelo, exclusivamente, percolativo, ou unicamente através de um modelo de difusão démica, assente na dualidade cultural propõe-se, em alternativa, acrescentar às modalidades de neolitização que terão ocorrido no extremo ocidente da Península Ibérica, e por consequência no Interior/Sul de Portugal, um modelo que admita fenómenos de Fusão Diferencial, onde após a entrada de elementos exógenos, os diferentes sistemas partilham, em graus variáveis, traços de cultura e funcionam como entidades permeáveis» (p. 211).

E, a fechar,

«No Sul do actual território português, em meados do V milénio, os sistemas culturais assentes exclusivamente em estratégias predatórias, e onde os recursos aquáticos desempenhavam um papel crítico, estão praticamente extintos. Sobreviverão pequenas bolsas de continuidade em ambientes ecologicamente favoráveis, e a caça e recolção podem ser as únicas actividades económicas documentadas em ocupações de curta duração. [§] Uma economia mista, onde o peso da produção de alimentos apresenta fortes oscilações, está definitivamente implantada. Este novo «programa de subsistência» (Vicent, 1996, p. 604) exigiu, ou tornou possíveis, novas demografias, novas territorialidades, e outras arquitecturas físicas e mentais de domesticação do real que constituirão marcas incontornáveis das paisagens do Neolítico médio europeu.» (p. 213).

Pois bem, pese embora uma discussão dos caminhos regionais, a meu ver aqui mais implícita que explícita (e falamos de uma região ampla, Andaluzia e Sul de Portugal.), as questões básicas, quase esqueléticas, dos fenómenos em discussão estão todas cá. Mas não podem ser dissociadas do muito texto que as envolve. Pelo que, se a leitura integral dos pontos 9 e 10 de algum modo se autonomiza do que vem antes, está nele obrigatoriamente entrosada.

Uma sólida e actualizada Bibliografia e a estrutura das Fichas Descritivas utilizadas encerram o volume, que efectivamente conclui com bons desenhos, fotografias talvez não muito ortodoxas e o indispensável, por norma do futuro ex-IPA, Resumo/Abstract, na verdade muito útil, ainda que, por vezes, que não aqui, oportunidade mal aproveitada de abrir a nossa Arqueologia a um universo de desconhecidos do português que, apesar de tudo, continua a ser a nossa língua (e que bem que a falam agora os ucranianos).

Acompanhei a construção desta monografia com o olhar atento de quem assume integralmente as suas responsabilidades como orientador de trabalhos, mas também cumprindo rigorosamente um dos meus princípios de sempre: mesmo que as pessoas que acompanho discordem radicalmente de mim, ou sigam caminhos diferentes na interpretação dos dados, se o fizerem inteligentemente e com fundamento, nada a dizer. Discordei, e discordo ainda hoje, de interpretações de Manuel Calado, mas respeitei a sua autonomia como investigador, e se longamente discutimos foi sempre para aferir ideias e conceitos e não «para ver quem ganha», triste hábito português. Com Mariana Diniz foi o mesmo. Concordo com tudo o que ela escreve? Nem sempre (e foi com genuíno alívio que a vi, por limitações de espaço para edição, remover algumas passagens finais, aliás de legítima formulação...). Mas o essencial «nã tem dúvida», como se diz nas planícies do Sul, que tanto amo.

Esta monografia foi escrita com estilo e com verve, no melhor sentido que os dois conceitos contém. Por detrás de uma construção de arquitectura de factos, há o «ver ao longe» de quem olha para além do estritamente material, mas sem perder as raízes na Realidade, essa estimável senhora que, para os preguiçosos ou para os sonhadores, parece ter perdido frescura. Para eles, talvez, que não para nós, na Faculdade de Letras de Lisboa e na UNIARQ, duas realidades antigas, mas sempre em reconstrução.

2007, Fevereiro, Lisboa

VICTOR S. GONÇALVES

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)